

Informação, conhecimento e valor - Comentário às indagações de Marcos Dantas

Ruy Sardinha Lopes¹

Palavras-chaves:

Informação, conhecimento, capitalismo, valor, dialética

Information, Knowledge, capitalism, value, dialectic

Información, conocimiento, capitalismo, valor, dialéctica

Resumo

Este artigo dialoga com algumas considerações feitas por Marcos Dantas em seu artigo *Informação, Conhecimento e Valor – um diálogo com Ruy Sardinha Lopes* pretendendo, desta forma, contribuir para o debate sobre algumas questões chaves para a EPC

Abstract

This paper dialogues with some considerations done by Marcos Dantas in his article *Informação, Conhecimento e Valor – um diálogo com Ruy Sardinha Lopes* intending, in such a way, to contribute for the debate on some questions for the EPC.

Resumen

Este trabajo dialoga con algunas consideraciones hechas por Marcos Dantas en su artículo *Informação, Conhecimento e Valor – um diálogo com Ruy Sardinha Lopes* pretendiendo, de esta forma, contribuir para el debate sobre algunas cuestiones llaves para a EPC.

Certamente notará o leitor o quanto meu livro, um primeiro passo neste campo disciplinar em formação, a EPC, é devedor das análises solidamente constituídas de três de nossos melhores pensadores a esse respeito: Alain Herscovici, César Bolaño e Marcos Dantas. A este último, a quem agora também devo a importância deste diálogo, tributo o interesse primevo por esta seara, uma vez que foi a partir de sua obra seminal que este horizonte a mim se descortinou. Infelizmente o grande público não pôde ainda se beneficiar das sugestivas e precisas análises ali presentes, uma vez que suas mais de 500 páginas não receberam a chancela de alguma

¹ Ruy Sardinha Lopes é doutor em Filosofia, professor e pesquisador do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP e autor do livro **Informação, Conhecimento e Valor**. São Paulo, Radical Livros, 2008

editora nacional. Carência esta parcialmente suprida pela divulgação de alguns conceitos basilares ali contidos através dos diversos artigos e capítulos de livros que o autor vem produzindo desde então.

No meu caso, não se tratou, na obra em questão, de empreender uma análise crítica e detida de tais conceitos, o que demandaria esforço analítico e espaço reflexivo incompatíveis com os rumos da pesquisa em curso àquela época, mas de tirar partido e tensionar alguns resultados ali postos à luz de nossas preocupações centrais.

Assim, não foi objetivo de minhas pesquisas refletir sobre o estatuto epistemológico ou ontológico (e os eventuais desvios de uma provável “essência”) deste “mais vicioso dos camaleões conceituais”, a informação, que como mostra Yuexio (lembrado por Dantas) possui mais de 400 definições, mas explicitar o modo de funcionamento – e seus eventuais “emperramentos” – de um sistema econômico que, segundo boa parte da literatura, se dizia funcionar movido pela informação e/ou conhecimento.

Como o título de meu livro busca sugerir e as análises ali contidas pretenderam evidenciar, os conceitos de informação e conhecimento ali trabalhados devem ser, evidentemente, referenciados ao conjunto das transformações históricas e processos de burocratização trazidos pela reestruturação produtiva em curso. Por não se tratar de um movimento meramente do conceito mas, materialisticamente falando, de formações sociais concretas; é justamente para as contradições postas por este processo – cuja tarefa da crítica é justamente apreendê-las conceitualmente – que tal empreitada volta-se, ainda que, como aponta Marcos Dantas, um longo percurso, inclusive de precisão conceitual, esteja por ser trilhado.

Destarte, ainda que concordemos com a necessidade, também política, de um embate epistemológico não vimos muito sentido em retomar, ali, um autor que trabalhamos na década de 1990 (por época do mestrado e nas incursões pelas teorias da comunicação) justamente para criticar os aportes comunicacionais então em voga. Em todo caso, a lembrança serve para rememorar que também para Sfez a metáfora biológica corresponde a uma visão ultrapassada dos processos de comunicação, caracterizada, contemporaneamente, por uma espiral delirante e tautológica.

Embora não tenha sido nossa intenção instaurar um novo *methodenstreit*, foi justamente a necessidade de contornar essa carência e pensar uma informação e conhecimento sob as condições *atuais* de reprodução do capital que nos levou a comparar o método derivacionista adotado por Bolaño com o de matriz termodinâmica defendido por Dantas.

Se, no primeiro capítulo procuramos indicar o substrato histórico que conferiu centralidade econômica à informação e ao conhecimento, a constelação teórica assumida neste e no capítulo seguinte - *forma, abstração, posição, adequação, negação* etc – deve ter sugerido ao leitor, mais do que uma matriz marxiana, a recuperação da leitura hegeliana (nesse caso, através das análises de Ruy Fausto e Leda Paulani²). Neste sentido, num exercício de síntese,

² Uma versão preliminar de nossa tese explicitava a leitura que Ruy Fausto fez da obra de Marx, recuperando sua dívida com a lógica hegeliana. Por questão de economia do texto tais análises foram

poderíamos dizer que nosso esforço residiu em mostrar em primeiro lugar a validade, no processo de valorização, da forma-mercadoria; a alteração da substância dessa forma (que, para além das evidências quantitativas e dos processos produtivos existentes *agora* se tornou informacional e/ou cognitiva) e, sobretudo, a inadequação desta substância à forma-mercadoria tradicional.

Ou seja, e aqui vai uma discordância da leitura que fiz de Marcos Dantas, se as capacidades sígnicas ou informacionais sempre acompanharam o processo de transformação da natureza pelo homem, do ponto de vista do capital elas eram *pressupostas*. Somente com as transformações recentes (vislumbradas por Marx como possibilidade lógica) é que ganham *posição*. Daí decorre uma série de questões, relativas tanto à lógica de um sistema que não mais consegue adequar plenamente sua forma ao conteúdo, tornando-se cada vez mais poroso às contradições que lhes são inerentes(donde, em nosso entender, a importância de se deslindar as formas do fetiche na contemporaneidade), mas também às novas formas de valorização, de obtenção da mais-valia e aos mecanismos de subsunção do trabalho ao capital.

Tendo como certo que o processo de abstração é essencial ao conhecimento científico e ao pensamento filosófico, devemos tomar a devida precaução de não considerarmos os conceitos aí produzidos como puros universais abstratos, postura esta presente em boa parte das *ciências* econômicas. Assim, embora as ciências – naturais, econômicas, da informação – tenham contribuído de forma incontestável na compreensão dos fenômenos econômicos e comunicacionais, não estaria aí apontado o seu limite?

Estamos convencidos que o professor Dantas, possuidor de um raciocínio dialético refinado, não partilha destas convicções. Mas, ao recuperarmos o conceito de informação oriundo dos sistemas organizados, da cibernética (mesmo que de segunda ordem) ou associá-lo aos gastos energéticos dos sistemas termodinâmicos (ainda que Dantas seja cuidadoso e aponte uma série de mediações referente a sua transposição para os fenômenos comunicacionais) não estaríamos afirmando que a sociedade possui o mesmo status epistemológico que a natureza? O corpo teórico, preciso e formalizado, oriundo destas áreas realmente ilumina ou, ao contrário, ofusca as particularidades dos diversos meios sociais e políticos aos quais tais conceitos se vinculam? Não teria (seguindo as sugestões de Leda Paulani) este corpus teórico uma dificuldade para “capturar” certos objetos sociais (em particular esta *forma-mercadoria informação*)?

suprimidas da versão final, estando, entretanto, assimiladas pelas formulações ali contidas. Neste breve comentário não teremos condições, é óbvio, de esmiuçar tais questões. Indico, pelo menos, ao leitor interessado, além dos livros de Fausto(**Marx: Lógica e Política**, Tomo I, II e III. São Paulo. Editora Brasiliense), a tese de Leda Paulani (**Do conceito de dinheiro e do dinheiro como conceito**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia e Administração. 1992) e o capítulo1 – *Questões Metodológicas: a dialética marxista* da tese de doutorado de Rodrigo Alves Teixeira (**Dependência, desenvolvimento e dominância financeira: a economia brasileira e o capitalismo mundial**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia e Administração, 2007)

Assim, aquilo que aos olhos do cientista aparece como tateante ou impreciso, não se refere, do ponto de vista da dialética, exclusivamente ao pensamento, mas à própria realidade (as contradições são, deste ponto de vista, reais e somente o discurso dialético, ao adentrar o campo das pressuposições objetivas, mostra-se adequado a estes objetos). Desta forma a visada obscura é, para Marx mais do que para Hegel, aquela que têm a textura dos objetos do mundo. Em outras palavras, é o campo social que deve presidir a adequação do discurso ao seu conteúdo. Apenas para ilustrar, lembro o que apontei no livro: as determinações referentes as relações homem/natureza, trabalho concreto/trabalho abstrato etc., sintetizadas na forma mercadoria, devem-se, como Sohn-Rethel apontou, não a um produto mental, mas aos seus feitos, seus negócios; por isso essa abstração é real.

É nesse sentido, o de melhor capturar a textura do campo social em questão, que a aplicação, por Bolaño, do método da derivação das formas ao campo das comunicações nos pareceu mais pertinente. Como lembra o autor ao prefaciar meu livro, o conceito de informação, não idealista e adequado às determinações gerais do modo de produção capitalista, por ele trabalhado vai da informação “objetiva” à sua forma fenomênica como mercadoria, passando por seu caráter classista, a serviço da produção capitalista. Neste segundo momento, explicita-se a contradição na forma da comunicação, uma vez que se exige não apenas uma informação unidirecional e organizada de acordo com as necessidades da acumulação, mas também uma comunicação horizontal e cooperativa entre os trabalhadores individuais, ao mesmo tempo pró-ativos e resistentes. É, pois, a essa tessitura classista que este método dá acesso.

Se o capitalismo monopolista exigiu, para seu desenvolvimento e consolidação, *esta* informação, as necessidades ulteriores tanto do processo produtivo quanto da concorrência passaram a exigir novas condições técnicas, impondo, por exemplo, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação a distância (conferindo centralidade a um outro tipo básico de informação – “que se agrega como mais um insumo ao processo produtivo e que, controlada pelo corpo técnico e burocrático da empresa capitalista, é sempre, efetiva ou potencialmente, MERCADORIA-INFORMAÇÃO”³).

É, portanto, para *essa* informação – ou em nossos termos para a forma-mercadoria informação - que nossa atenção se voltou, prioritariamente. Assim, se como aponta Bolaño, grande parte dos liberais e pós-modernos incorrem no erro de ignorar a essência contraditória da informação sob o capitalismo; tratamos, em primeiro lugar, de explicitar algumas contradições inerentes à forma-mercadoria informação e, em segundo lugar, indicar a necessidade, para a superação das análises que enxergam aí os elementos de esgotamento da forma-valor, de voltarmos à esfera da produção – do valor, evidentemente.

Infere-se, assim, que é do próprio capital a tentativa de dar às forças anímicas, ao fundo comum de conhecimento a forma objetivista apontada por Bell (que, aliás, também foi o

³ BOLAÑO, Cesar **Indústria Cultura, Informação e Capitalismo**. São Paulo:Hucitec/Polis, 2000, p.47.

primeiro a observar que nesta nova fase as contradições de fundo do capitalismo seriam culturais). De nossa parte, coube mostrar que não sendo propriamente uma “coisa”, essa substância escapa aos ditames do capital (ou a adequação posta pela forma-mercadoria tradicional) implicando uma série de incoerências que terminam por comprometer o próprio processo de valorização (como aliás, vem demonstrando Alain Herscovici).

Assim, ainda que concordemos com as observações de Dantas que todo conhecimento é codificado e que mesmo o conhecimento subjetivo é conhecimento registrado – nas estruturas da mente e do corpo, o que nos pareceu oportuno na dicotomia “conhecimento tácito”/“conhecimento codificado” (e que, como apontamos terá implicações importantes para a economia da inovação e do conhecimento) de Dominique Foray e Michel Callon foi o chamado à atenção para a resistência que o conhecimento “tácito” impõe aos processos de cristalização (ou de apropriação/expropriação) que nos pareceu pertinente. Dito em outras palavras: a vagueza, espontaneidade, indescritibilidade etc do conhecimento registrado nas estruturas mentais e corporais do trabalhador, agora dito “intelectual”, ao mesmo tempo que recoloca a necessidade do trabalho vivo na geração do valor (embora, agora, como sujeito efetivamente negado), impõe limites a esse processo (o tópico “resistências e insistências” e as considerações finais do meu livro procuram apontar alguns desses limites) e reabre a discussão a nosso ver central nos dias de hoje sobre os mecanismos de subsunção (formal, real) do trabalho (ou das capacidades sýgnicas, ou do fundo comum de conhecimento) ao capital.

Por último, no tocante à questão do valor, a se dar ouvidos a uma boa parcela da crítica atual, podemos afirmar que o lócus da criação do valor teria se deslocado, pelo menos potencialmente, do chão da fábrica para o trabalho “do conhecimento sobre o conhecimento, da informação sobre a informação). O que nosso trabalho argumenta é que tal deslocamento implicou uma mudança de qualidade na substância do valor.

Assim, tem razão Marcos Dantas ao lembrar que, para Marx, “o tempo de trabalho objetivado nos valores de uso das mercadorias é tão exatamente a substância que os torna valores de troca, e daí mercadorias, como também mede sua grandeza determinada de valor [...]”. Marx, como não poderia deixar de ser, soube como ninguém extrair das condições materiais de sua época as determinações concretas da forma-valor, de onde se infere a discussão entre agregar ou poupar tempo, explicitadas na relação entre mais-valia absoluta e relativa e, no que diz respeito à realização, na necessidade de se reduzir o tempo de giro pela compressão espaço-tempo (e nesse sentido, como procuramos indicar, a matriz termodinâmica se ajusta perfeitamente a este universo). O que, entretanto, a “economia da inovação” e até mesmo boa parte daqueles que pensam o “trabalho imaterial” ou “cognitivo” (não obstante suas inúmeras impropriedades) vêm mostrando é que, ainda que a poupança ou o desperdício de tempo determinem grandes ganhos ou perdas de capital (e, portanto, se busque incessantemente aperfeiçoar os mecanismos técnicos e gerenciais de poupança de tempo) isso não é o essencial, importa a qualidade da informação criada. Por isso falamos em mudança de substância da forma-valor.

É claro que isso traz inúmeras conseqüências para a teoria do valor, sua geração e realização. A oposição entre a temporalidade requisitada pelos processos produtivos regidos pela

obsolescência programada e aquela requerida pela pesquisa e desenvolvimento, por exemplo, é uma delas. A questão da medida e da passagem do valor ao preço outra. Donde se falar, por consequência, na desmedida do valor ou até mesmo no fim da teoria do valor.

Se partilhamos a crença numa mudança de substância, não cremos ser possível falar no fim da forma-valor. E isso porque, para Marx, embora o tempo possa se constituir como substância e medida do valor, sua geração deve-se essencialmente à conformação de determinadas relações de produção. Estas, apesar de todo o discurso em prol do fim das classes sociais, da liberdade do trabalhador intelectual e de um certo esfumaçamento destas relações, continuam configurando novos espaços coercitivos e mecanismos de exploração. Cabe, portanto, à crítica elaborar os conceitos que consigam capturar as novas texturas a partir das quais o sistema se perpetua. Assim, não obstante o papel estratégico das cruzadas epistemológicas e a urgente necessidade de formulações de corpus teóricos aderentes à dialética, a explosão das bases de sustentação do sistema também requer a explicitação de seus modos de funcionamento ou, para recuperarmos a tradição da teoria crítica, uma crítica imanente capaz de capturar as pressuposições do sistema em vigência.